

FORA BOLSONARO deve ser a Palavra de Ordem do PSOL

*“Para não haver protestos vãos,
Para sairmos desse antro estreito,
Façamos nós com nossas mãos,
Tudo aquilo que nos diz respeito.”*

A Internacional

Tese da Luta Socialista ao 7º Congresso Regional do PSOL-DF

ASSINAM:

CST - Corrente Socialista dos Trabalhadores e das Trabalhadoras - Tendência Interna do PSOL.
Seção Oficial da Unidade Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional (UIT-QI) no Brasil.

LS - Luta Socialista - Tendência Interna do PSOL. Seção Simpatizante da Unidade Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional (UIT-QI) no Brasil.

SEGUE A CRISE ECONÔMICA

Desde 2008, o mundo atravessa uma forte crise econômica, na qual o imperialismo tem sido incapaz de superá-la, mesmo com a injeção de dinheiro público para salvar bancos e multinacionais, isso não foi o suficiente para recuperar a economia, mantendo baixo crescimento econômico, guerra comercial entre as potências imperialistas (EUA, China e UE) , seguindo assim, o constante risco de novas crises que podem levar a uma depressão econômica.

Essa crise econômica desencadeou uma crise social sem precedentes no Brasil e no mundo, empurrando milhões de trabalhadores à pobreza; ao endividamento das famílias; ao desemprego e ao trabalho informal.

A diminuição da renda d@s trabalhador@s com a consequente concentração de riquezas nas mãos de um pequeno grupo, fez explodir a desigualdade social e o aumento da violência (em especial, contra as mulheres e pobres da periferia).

O meio ambiente, em que pese o alerta de cientistas e ambientalistas, também sofre com a crise econômica que tem levado ao aumento da poluição, do desmatamento, da temperatura média, mudanças no regime de chuvas fator que jogou o DF na maior crise hídrica de sua história.

Neste contexto de crises, há também uma crise política inédita que levou ao poder diversos “outsiders” não identificados com os partidos tradicionais, sejam da socialdemocracia conciliadora,

sejam partidos burgueses tradicionais, culminando com a chegada ao poder de Bolsonaro e Ibaneis como expressão da crise política que atravessa o país.

Para superar a crise, a burguesia e os governos promovem privatizações; desmonte do estado de bem-estar social; desmonte dos sistemas de proteção ao trabalho formal e da seguridade social, além do constante processo de precarização dos serviços públicos, das condições de trabalho e de vida do povo.

Os sucessivos cortes no orçamento e o sucateamento das estruturas do Estado, leva a precarização da saúde e da educação, assistência social, cultura, saneamento básico e lazer afetando diretamente ao povo periférico que são os que utilizam tais serviços.

Logo no primeiro ano de Bolsonaro a ofensiva reacionária encontrou forte reação popular em defesa da educação pública e da Previdência Social, estudantes, trabalhadoras e trabalhadores protagonizaram greves nacionais e manifestações gigantescas, com destaque para a expressiva greve nacional.

Contra as queimadas da floresta amazônica, a população promoveu grandes manifestações de rua. O desgaste do novo governo foi imediato e vertiginoso, superando o de todos seus antecessores. No entanto, a luta das trabalhadoras, trabalhadores, juventude e povos originários não impediu o avanço das reformas reacionárias e os ataques ao meio ambiente e à vida. Mais preocupados em capitalizar o desgaste de Bolsonaro nas urnas do que em construir força política real para barrar a marcha insensata dos acontecimentos e construir novos horizontes para a sociedade, o PT e aliados não incentivaram mobilizações para denunciar a reforma de Bolsonaro. Em vez de apostar nas ruas, a esquerda da ordem legitimou a Reforma da Previdência no parlamento. Pior ainda. Seus governadores aplicaram, no apagar das luzes de 2019, com mão de ferro, as contrarreformas neoliberais em seus Estados.

O abismo que separa a indignação das trabalhadoras e dos trabalhadores, que buscam meios de expressar sua insatisfação política e a profunda acomodação das lideranças que compõem a esquerda da ordem liderada pelo PT evidencia a falência dos instrumentos políticos criados pela classe trabalhadora nas últimas quatro décadas. As direções das principais centrais sindicais não mobilizaram a classe trabalhadora contra a reforma da previdência, com destaque para a CUT e CTB. Sem uma direção consequente com um programa de enfrentamento à ordem capitalista, os direitos das trabalhadoras e trabalhadores serão dizimados.

Sem um programa que coloque na agenda nacional a urgência de transformações econômicas, sociais e políticas de grande envergadura, as alternativas ficam restritas à discussão do ritmo e da intensidade em que se deve implementar o ajuste ultraliberal. Na ausência de um projeto

de sociedade que vá além do capital, em breve a burguesia encontrará a forma autoritária para consolidar a solução liberal-autoritária. Portanto, para as/os que lutam contra a barbárie capitalista, o desafio histórico é dar voz à rebeldia que pulsa na sociedade brasileira e construir instrumentos políticos que permitam que a luta contra a barbárie e por igualdade substantiva se transforme em força material capaz de derrotar o sistema capitalista. Em sintonia com essa agenda de lutas devemos construir uma forte mobilização pelo Fora Bolsonaro/Mourão.

O PSOL precisa construir um programa e uma política que tenham como ponto de partida a defesa intransigente dos interesses imediatos e estratégicos da classe trabalhadora. Nosso programa deve promover uma total inversão nas prioridades que regem a sociedade.

O DISTRITO FEDERAL NÃO É UMA ILHA

O Distrito Federal não está deslocado desta realidade, o governador Ibaneis Rocha (MDB) também promove um ajuste fiscal local, ao contrário do que se apresenta nas mídias sociais e na grande imprensa, o Distrito Federal também passa por uma grave situação política, social e econômica. Ibaneis já fez várias demonstrações de que é um fiel escudeiro de Bolsonaro e que a política econômica neoliberal imposta por Bolsonaro no Brasil, tem amplo apoio e aplicação no Distrito Federal.

As supostas “críticas” de Ibaneis aos governos anteriores e as promessas de melhoria na educação, saúde, segurança, geração de empregos, entre outras, foram mola propulsora para sua eleição com 70% dos votos.

No entanto, o que vemos é que Ibaneis, ao invés de governar para o povo do Distrito Federal, governa para os grandes empresários (sobretudo os da construção civil, donos de empresa de terceirização de mão de obra e políticos conservadores), deixando a população entregue a própria sorte.

Desnecessário dizer que a propaganda enganosa do GDF sobre as melhorias e a felicidade do povo do DF, não se sustenta nem mesmo nos telejornais locais.

Após um ano de governo, o descaso com os serviços públicos, a precarização do Estado e a política servil ao governo Bolsonaro mostram como o governo Ibaneis é o exemplo de que houve muito discurso de mudança e nenhuma melhoria para o povo.

O Governo Ibaneis logo nos primeiros dias de administração mostra a quão velha é sua alardeada “nova política” para o Distrito Federal, superando negativamente os governos de Agnelo e de Rollemberg.

Na prática, para garantir a base aliada, o GDF entrega os cargos comissionados e secretarias em troca de apoio político. Desse modo a administração desse governo mostra-se completamente descomprometida com a população do Distrito Federal e interessada apenas em seus próprios benefícios. **Este governo é machista, racista, homofóbico e corrupto!**

O primeiro grande ataque contra @s trabalhador@s feito por Ibaneis foi a tentativa de privatização da saúde pública, colocando-a nas mãos dos “vampiros” da saúde privada, por meio da expansão do IGES-DF.

A saúde, apesar do decreto de situação de emergência, continua um caos: nas unidades básicas de saúde faltam médicos, remédios e equipamentos básicos, os hospitais sofrem com a falta de manutenção. Nas UPAs, geridas pelo IGES-DF, e nos Prontos-Socorros faltam médicos todos os dias, com isso, a população tem que peregrinar pelos hospitais e UPAs do DF e entorno para conseguir algum atendimento médico.

Num cenário de explosão dos casos de Dengue que ano passado contaminou quase 50 mil brasilienses, vê-se comprovado o descaso do governo Ibaneis (MDB) e seus anteriores com a vigilância epidemiológica.

Na educação pública, o Secretário da pasta declara “*combater e proibir a Ideologia de Gênero nas escolas*”, mostrando uma completa falta de senso e respeito à classe trabalhadora do Magistério. Logo em seguida, impõe a militarização de várias escolas da periferia do DF, exatamente onde a polícia mais mata jovens, negros e pobres.

Além da perseguição ideológica, a qual viola a liberdade de cátedra do professor, as condições de trabalho seguem piorando com o aumento do número de alunos por turma; ausência de reformas; sucateamento das escolas; falta de merenda; descaso com @s trabalhador@s da educação. Além disso, o funcionalismo público do DF sofre com o congelamento dos salários, sem reajuste desde 2013.

Ibaneis anuncia a privatização dos espaços públicos por meio de concessões e parcerias público-privadas (PPPs), do Metrô, da CEB, da CAESB, além de reformular as estatais Novacap, Terracap e Codeplan com mudança do regime estatutário e Programa de Demissão Voluntária (PDV).

Com relação ao transporte público, ao invés de cumprir a decisão judicial que exige uma nova licitação, Ibaneis começou o mandato com sucessivas tentativas de acabar com a gratuidade do passe livre estudantil em janeiro de 2020, aumentou o preço das passagens para R\$ 5,50. Desse modo garantiu o lucro dos empresários e viabilizou a privatização do Metrô, ao mesmo tempo que

reduz IPVA, que longe de ser uma medida positiva na verdade visa privilegiar o transporte individual em detrimento do transporte coletivo.

O baixo crescimento da economia brasileira leva o Distrito Federal a gerar mais de 300 mil pessoas desempregadas e outras 350 mil estão trabalhando no mercado informal sem nenhum amparo legal e com renda média inferior a R\$ 1500,00 por mês.

Para análise de dados, de acordo com o DIEESE, o custo da cesta básica no DF em janeiro de 2020 foi de R\$ 483,17 (com o aumento anual de 13,13%), enquanto que o salário mínimo foi reajustado em apenas 4,11% o que sobrecarrega o sistema de assistência social e, em especial, os trabalhador@s da assistência social.

Nesse contexto político-social temos visto diversas reações contra o GDF por parte d@s trabalhador@s e da juventude.

O PSOL precisa ocupar o espaço que lhe é devido e assumir a tarefa que a luta de classes lhe impõe, que é mobilizar a classe trabalhadora e o povo pobre e construir coletivamente a reação contra os ataques da burguesia local.

O ano de 2020 deve seguir com greves, paralisações, protestos, mobilizações, passeatas e atos públicos contra Ibaneis e seu reflexo nacional, Bolsonaro. O PSOL não pode esperar até 2022 para dar uma resposta a Ibaneis, pois a luta de classes acontece agora e a conjuntura político-econômica do Distrito Federal é o pano de fundo da luta de classes, e o PSOL tem que se inserir na dinâmica da conjuntura para impulsionar a luta de classes e a defesa da classe trabalhadora.

Assim, é necessário e urgente unificar as lutas de tod@s trabalhador@s do campo e da cidade a fim de construir uma poderosa greve geral que seja capaz de derrubar Bolsonaro e Ibaneis; reverter as reformas que retiram direitos como a reforma trabalhista e previdenciária; impedir a privatização das estatais e garantir condições mínimas de emprego, saúde, educação, assistência social, cultura e lazer.

Para isso, o centro de ação da esquerda socialista em 2020 deve estar nas ruas, nas lutas contra a solução liberal-autoritária impulsionada por quem quer que seja.

A unidade de ação pontual na luta contra os ataques aos direitos da classe trabalhadora é importante, mas insuficiente para justificar uma frente política. O PSOL deve construir uma FRENTE CLASSISTA E ANTICAPITALISTA, presente nas lutas e que construa uma real alternativa política e programática de ruptura com o capitalismo, que seja verdadeiramente socialista, expressando, assim, um projeto de independência de classe.

POR UM FEMINISMO CLASSISTA E ANTICAPITALISTA

“A grande mídia continua a equiparar o feminismo em si com o feminismo liberal, longe de oferecer uma solução, contudo, o feminismo liberal é parte do problema, centrado no norte global entre a camada gerencial profissional, ele está voltado para imposição e a quebra do telhado de vidro, dedicado a permitir que um pequeno grupo de mulheres privilegiadas escale a hierarquia corporativa e os escalões das forças armadas. Esse feminismo propõe uma visão de igualdade baseada no mercado, que se harmoniza perfeitamente com o entusiasmo corporativo vigente pela diversidade. Embora condene a discriminação e defenda a liberdade de escolha, o feminismo liberal se recusa firmemente a tratar das restrições socioeconômicas que tornam a liberdade, o empoderamento, impossíveis para uma ampla maioria de mulheres, seu verdadeiro objetivo não é igualdade, mas meritocracia, em vez de buscar abolir a hierarquia social, visa diversificá-la, empoderando mulheres talentosas para ascender ao topo. Seu caso de amor com o avanço individual permeia igualmente o mundo das celebridades das mídias sociais, que também confunde feminismo com ascensão de mulheres enquanto indivíduos. Nesse mundo o feminismo corre o risco de se tornar uma hashtag do momento e um veículo de autopromoção, menos aplicado a libertar a maioria do que promover a minoria.”

Feminismo para os 99% - Um Manifesto.

Cinzia Arruzza

Tithi Bhattacharya

Nancy Fraser

Em um contexto do agravamento do capitalismo e suas crises, acentuam-se os ataques aos direitos da classe trabalhadora.

Essas crises atingem com maior força às mulheres potencializando as desigualdades sociais, econômicas e políticas sofridas por elas e que se traduzem em desemprego, empregos informais, exclusão social, racismo.

O conjunto das mulheres da periferia sofrem de maneira estrutural diversas formas de violência, tais como: violência doméstica, sexual e feminicídio. São elas que ficam sobrecarregadas pelo trabalho doméstico; recebem piores salários; sofrem com dupla jornada de trabalho; são demitidas por se tornarem mães; são excluídas das esferas públicas de poder; não têm acesso ao aborto legal e seguro; nem acesso a creche pública, tampouco atendimento ao sistema de saúde adequado.

Sabe-se que as mulheres não passam igualmente por essas violências, pois as mulheres negras são notoriamente as mais exploradas, trabalham em atividades domésticas, trabalhos precarizados e terceirizados, com salários mais baixos do que o das mulheres brancas. As LBTs são vítimas de diversas formas de violência, sofrem com crimes de ódio, as mulheres trans, por sua vez, sofrem diversas violações e a expectativa de vida não chega aos 40 anos. As mulheres indígenas sofrem com genocídio de seus povos e a destruição de suas comunidades, além das violações sofridas nas cidades quando tentam a inserção na cultura do branco.

O feminismo liberal propõe uma visão de igualdade baseada no mercado, mas não encara restrições socioeconômicas sofridas pelas mulheres trabalhadoras que passam por alguma forma de exclusão. Ele tenta reformular o capitalismo, ao invés de combatê-lo, desse modo, as características do capitalismo e do patriarcado se associam e se reforçam. Em outras palavras e com a devida problematização, podemos afirmar que capitalismo e o machismo destroem a vida de muitas mulheres, em especial as mulheres trabalhadoras e periféricas.

O governo Bolsonaro com sua política machista e homofóbica assumida, tem agravado o ataque aos trabalhadores em geral e às mulheres trabalhadoras com maior ênfase, com aplicação do ajuste e impondo reformas neoliberais, como a reforma trabalhista e a reforma da previdência, que atinge sensivelmente às mulheres. Além do ataque aos serviços públicos, à saúde, à educação, à assistência social, implementando discurso de ódio contra a histórica luta das mulheres.

O governo Ibaneis vem seguindo a cartilha do governo Bolsonaro na lógica de ataques, pela privatização dos aparatos governamentais, sucateamento dos serviços públicos, militarização das escolas e tratando com descaso o tema sobre a violência contra as mulheres do DF, o mesmo descaso com as políticas públicas para mulheres.

A situação é tão alarmante que Brasília contabilizou quatro casos de feminicídio em menos de 15 dias em 2020. No ano passado, o Distrito Federal registrou 34 casos, um aumento de 62% em quatro anos. (Jornal de Brasília, 15/01/2020). Diante desse quadro caótico, a declaração feita pelo governador do DF afirmando que, assim como casos de suicídio, os feminicídios não deveriam ser divulgados, em opinião contrária a diversas especialistas no assunto, evidencia seu descaso com o combate ao feminicídio no DF.

Nesse sentido para **Derrotar o Projeto ultraliberal, machista e autoritário de Bolsonaro/Ibaneis** é preciso unificar todas as lutas contra os ataques desses governos e também a luta pelo Fora Bolsonaro. É necessário construir uma organização de mulheres que tenha caráter classista, com a tarefa de unificar as mulheres trabalhadoras, periféricas de todas as idades, as

mulheres negras, cis, transexuais, bissexuais, lésbicas, contra o machismo que tira nossa dignidade e nossas vidas.

A crise do capitalismo é a mola propulsora das novas lutas feministas. Nesse sentido é preciso construir um instrumento de luta que, partindo do princípio de solidariedade da classe trabalhadora, além de organizar mulheres que são lutadoras sociais e sindicais, também organize mulheres periféricas, em situação de risco, desemprego, violência, abandono, discriminação, vítimas de assédio, sexual e moral. A luta das mulheres deve ser através do feminismo classista.

BALANÇO POLÍTICO DO PSOL-DF

Apesar do crescimento de 27% do número de filiad@s no último período, isso não repercutiu no crescimento orgânico do partido. Os problemas do PSOL-DF sejam políticos, sociais e econômicos permanecem ou se agravam, o que mostra que não é filiação em massa que trará uma solução para os problemas do PSOL-DF.

Durante o último Congresso do PSOL-DF em todas as plenárias, em todas as teses e de todas as formas vimos um discurso sobre os rumos do PSOL-DF que era base comum, defendido por todas e todos, e que pode ser talvez resumido em duas palavras: Democracia e Mobilização. No entanto a grande falta na maioria absoluta das teses foi a expressão e o conceito de Luta de Classes.

Ao que parece é um acordo geral, pelo menos no discurso, que o PSOL-DF precisava se abrir às bases e à sociedade de maneira a “radicalizar a democracia interna no PSOL-DF” e levar o PSOL-DF às ruas, aproveitando inclusive a avenida de oportunidades que se abria (2017/2018) para mostrar o quanto o PSOL é diferente dos demais partidos.

No entanto, essa proposta (radicalizar a democracia e mobilizar a sociedade) amplamente apoiada por todos os setores do Partido, não chegou a fazer o teste das ruas e não passou no teste das eleições burguesas.

Não é necessário colocar nesse texto o absurdo que foi o PSOL escolher o lulopetista Guilherme Boulos para ser o Candidato do PSOL à Presidência da República, o qual durante a campanha eleitoral fez mais campanha para Lula e para o PT do que para os candidatos do PSOL.

É positiva a eleição do deputado Fábio Félix, primeiro distrital do PSOL-DF, bem como sua combativa atuação na Câmara Legislativa. São inúmeros exemplos de atuação do Mandato que materializa uma inserção do “PSOL Parlamentar” nas lutas cotidianas do DF.

No entanto, ainda sobre as eleições burguesas de 2018, o que vimos foi que a escolha da candidatura ao GDF pode ser vista erroneamente como “democrática” quando coloca que “80% ou mais” do PSOL-DF aprovou a candidatura.

Contudo, duas questões ficaram expostas nessa manobra: 1ª) a clareza que a intenção era sanar uma crise interna das correntes burocráticas que não conseguiam entrar num acordo de um nome histórico do PSOL-DF; 2ª) o desespero da burocracia em aprovar a candidatura sem realizar qualquer tipo de debate entre os candidatos, algo que poderia comprometer o suposto “80% ou mais”.

Com esses dois elementos, na verdade uma solução de cartola pra resolver a crise e a falta de debate entre as candidaturas, vimos novamente reinar no Partido a vitória da burocracia sobre a democracia.

Naquele contexto histórico-político bem definido, a escolha da candidatura para o governo deveria ser feita posteriormente à realização de amplos debates na base do partido por meio das prévias.

Por outro lado, é importante avaliar o processo de escolha das candidaturas proporcionais do PSOL-DF, os critérios pareciam variar de uma candidatura a outra e novamente tivemos que ver um “filme repetido” que é: quando termina as eleições diversos candidatos e candidatas simplesmente somem não só da vida do Partido, mas até do próprio Partido, a escolha das candidaturas respondeu apenas necessidades políticas individuais de outras candidaturas, tanto que, não foi raro (novamente), vemos candidaturas do PSOL-DF defendendo propostas que não são do PSOL e que até são combatidas pelo PSOL. O que vimos (novamente) foi uma nominata de candidaturas repletas de aparatistas, petistas e antipsolistas.

O resultado dessa desconsideração política com o Partido não podia ser outro, vimos durante a campanha eleitoral candidaturas prioritárias se apresentando ao lado de petistas como se isso fosse algo positivo para o PSOL e até candidaturas prioritárias fazendo vídeos com inimigos do PSOL e inimigos da classe trabalhadora, como, por exemplo, Randolfe Rodrigues e José Eduardo Cardozo, tendo espaço onde deveria estar o PSOL.

Além de candidaturas que abertamente defendiam o Lula Livre muito mais que as candidaturas do PT (hoje temos Lula estando livre e defendendo a estabilidade do governo Bolsonaro). Também tivemos não só desfiliação de figuras públicas que foram candidatas e candidatos, mas até candidata considerada prioritária no PSOL, que logo no primeiro telefonema do Ibaneis, nem suspirou de dúvida e entrou no governo capitalista, machista, racista e homofóbico do Ibaneis em cargo de privilégio. Tudo isso demonstra a incrível falta de critério histórico-político do PSOL-DF na escolha das pessoas que vão a público ser a imagem, a voz e a vez do PSOL.

O PSOL-DF apesar do discurso de “mudança” feito pela chapa eleita no último Congresso permanece com problemas tão antigos quanto antes.

No início da atual gestão, forma-se um Campo Majoritário que envolveu as correntes que “ganharam” o Congresso com a corrente que “perdeu”.

Visivelmente, desde o início nota-se que a “disputa” congressual, na realidade era um “jogo de cena” com uma pequena crise de quem controla o aparato burocrático do Partido.

Portanto, permanece a desmobilização dos setoriais; a falta de uma imprensa constante; o não funcionamento de núcleos de base; a falta de atividades políticas partidárias que poderiam dar vida orgânica ao Partido.

A falta de organicidade do PSOL-DF também é consequência das raras reuniões do Diretório Regional, bem como de plenárias com a militância.

Existe uma errônea ideia de que a Executiva pode substituir o Diretório e, com isso, de que o Diretório substitui a base orgânica do Partido.

Com a proposta de “refundação” do PSOL apresentada por seu campo majoritário vemos quanto o projeto desses é fazer do PSOL um novo PT: com os mesmos vícios petistas e, ainda por cima, subordinado ao PT.

Esse projeto visa afastar cada vez mais o PSOL das lutas políticas e sociais, domesticar o PSOL e torná-lo uma corrente externa do PT, só que sem direito a voto no PT.

Temos uma nova maioria do PSOL-DF, uma nova maioria com velhas práticas, onde a briga pelo espaço e controle burocrático do aparato chega ter crise sobre quem devem ser os funcionários do PSOL-DF, longe de debater competência, procedimentos, habilidades, atitudes e valores, a discussão resume-se a qual força política indica e qual acordo se faz para ampliar a burocracia.

Por tudo isso, consideramos que o Balanço da atual Direção do PSOL-DF é negativo, o PSOL hoje não responde à classe trabalhadora e determinados setores se ofendem quando a palavra “trabalhador/a” ou a expressão “luta de classes” são citadas nas atividades do PSOL.

Neste novo período pós-frentepopulista, onde governa a extrema direita com muitos ataques a classe trabalhadora e na qual a burguesia amplia o espaço de atuação, (em âmbito nacional com Bolsonaro e em âmbito local com Ibaneis), o PSOL não pode ser o “puxadinho” do PT como tanto insistem alguns e não pode também viver em vacilações na conjuntura política e econômica.

A prioridade do PSOL-DF deve e precisa ser a luta de classes, participando diretamente das greves, paralisações, protestos, atos públicos, passeatas e manifestações, essa é uma necessidade política para a classe trabalhadora.

Diante disso, defendemos:

PLANO DE LUTAS

- Fora Bolsonaro! Fora Ibaneis! Greve Geral! Unificar as lutas d@s trabalhador@s e da Juventude contra (e para reverter) a Reforma Trabalhista e a Reforma da Previdência! Todo apoio às greves e lutas em curso! Unificar as greves e campanhas salariais!
- Fim do arrocho e das demissões, combate ao desemprego e desmonte dos serviços públicos estatais;
- Anulação de todas as reformas que retiraram direitos, começando pela PEC 55, a reforma trabalhista e a reforma da previdência;
- Redução da jornada de trabalho sem redução do salário; * Contra o extermínio da juventude, especialmente pobre e negra. Legalização das drogas e fim da Polícia Militar;
- Plena liberdade de expressão cultural e amplo incentivo às artes;
- Garantia intransigente dos direitos das mulheres, negros, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pessoas com deficiência, camponeses e população LGBTQI+;
- expropriação sumária de todas as empresas e bancos envolvidos em corrupção e punição exemplar aos agentes públicos corruptos.
- Cadeia e confisco dos bens de todos os corruptos e corruptores do DF!
- Redução imediata das tarifas de água, luz, telefone e transporte público! Gratuidade para os desempregados!
- Contra a Militarização das Escolas!
- Contra a Terceirização dos serviços públicos de saúde, transporte, educação, assistência social etc pelo GDF!
- Contra a criminalização das lutas! Extinção da PM já! Criação de conselhos de segurança efetivo com participação popular e ampla divulgação e influência para decidir onde e em que projetos devem ser aplicados os recursos do fundo constitucional. Extinção dos aparelhos de repressão do Estado aos trabalhadores.
- Todo apoio às lutas das mulheres trabalhadoras! O machismo é fruto do capitalismo! Todo apoio ao Feminismo Classista! Pela descriminalização do aborto!
- O capitalismo inventou o racismo para explorar! Contra a discriminação racial. Contra toda forma de racismo.

- Pelo Livre conceito de Família. Combater a homofobia. Combate à violência contra travestis e transexuais. Apoio às lutas LGBTQI+, que essas lutas se abriguem junto a classe trabalhadora. Defesa do casamento homoafetivo. Pelo casamento civil igualitário. Garantia do direito à autodefinição da identidade de gênero. Pelo direito de travestis e transexuais à saúde integral!
- Organização do Psol por locais de trabalho e moradia;
- Organicidade aos Setoriais e núcleos do partido em todo o DF;
- Realização de Seminários Setoriais: Mulheres, Sindical, LGBTQI+ e demais.
- Comissão de Comunicação para constante produção de jornais, notas e panfletos, sem autoritarismo, sem burocracia e sem falsa democracia.
- Vida orgânica para o PSOL-DF: Executiva quinzenal, Diretório bimestral e Plenárias Regionais quadrimestral, livre organização para os núcleos e a zonais.
- Atividades de Formação Política organizadas pela Executiva.
- Unificação das Lutas da classe trabalhadora com as lutas específicas de mulheres, negros, jovens, LGBTQI+, Sem-Teto, Sem-Terra.

ASSINAM:

CST - Corrente Socialista dos Trabalhadores e das Trabalhadoras - Tendência Interna do PSOL.
Seção Oficial da Unidade Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional (UIT-QI) no Brasil.

LS - Luta Socialista - Tendência Interna do PSOL. Seção Simpatizante da Unidade Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional (UIT-QI) no Brasil.